

LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

PIGLIA, Ricardo. Ficção e teoria. O escritor enquanto crítico. Santa Catarina: Travessia, n.33, p.47-59, 1996.

SLOTERDIJK, Peter. O desprezo das massas ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Palavra-chave 1: público

Palavra-chave 2: privado

Palavra-chave 3: literatura contemporânea

### **13 | BELLE ÉPOQUE: LITERATURA, ARTES E CULTURA**

#### **COORDENADORES:**

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Jean Pierre Chauvin - Universidade de São Paulo

Rosa Maria de Carvalho Gens - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**RESUMO:** O tema do XV Congresso da ABRALIC, “Experiências literárias, textualidades contemporâneas”, leva os coordenadores deste simpósio a refletir sobre a irrupção da possibilidade de abandono da ideia de “texto”, em seu sentido mais canônico, a partir das mudanças profundas operadas na cena artística e cultural da virada do século XIX/XX e acentuada nas primeiras décadas do novecentos. A multiplicidade de propostas estéticas e literárias obrigavam a reformulação do repertório teórico e crítico, de forma a abranger uma maior variedade de suportes à disposição dos artistas como resultado dos avanços técnicos e consequentes alterações da percepção. Entre as tecnologias visuais, destaca-se o cinema. A técnica cinematográfica irá promover uma espécie de choque perceptivo no espectador, ao mesmo tempo em que educa sua sensibilidade para a nova concepção de tempo e espaço, através dos recursos de aceleração e abrandamento do movimento das imagens, que lhe permitem experimentar a natureza variável do tempo e a relatividade do que antes acreditava ser imutável. A mudança operada pela cinematografia, aliada à velocidade dos novos meios de transporte, redimensiona a atividade cotidiana dos sujeitos. O estilo de vida urbano marcado por constantes deslocamentos cada vez mais rápidos, exige dos homens de letras que atuavam na imprensa uma crescente adequação a essas novas experiências e sensibilidades. O jornal, principal meio de comunicação, amplia seu poder de divulgação por meio do incremento e incorporação de modernas técnicas gráficas e de impressão e irá constituir o espaço privilegiado de exposição e circulação das contemporâneas e heterogêneas formas de ver o mundo dos vários grupos e classes sociais em disputa pela visibilidade tão cara à política do espetáculo pouco a pouco consagrada nos meios urbanos. A

imagem visual torna-se poderosa estratégia no universo jornalístico, se considerarmos a atenção dada pelos editores às ilustrações gráficas - litografias, caricaturas, rotogravuras, clichê a cores, desenhos florais *art nouveau*, fotografias, anúncios publicitários – que passaram a ter importância capital junto ao público leitor e ganham autoridade de “texto” a exigir outros modos de leitura. Imagem e texto escrito tornam-se indissociáveis e precisavam ser lidos e interpretados comparativa e contrastivamente. Ampliam-se, portanto, as possibilidades de aumentar o mercado de leitores, instaurar novos modos de leitura e profissionalizar jornalistas, escritores e ilustradores gráficos. Além disso, os próprios escritores tornam-se cientes do impacto das imagens visuais sobre os leitores e reconhecem a necessidade de renovação tanto da linguagem jornalística, quanto da linguagem literária para garantirem a interação do público com seus textos. Operam-se mudanças na categorização de gêneros textuais, tornando-os maleáveis, dinâmicos e plásticos, de forma a atender ao contexto discursivo da modernização em curso na cidade do Rio de Janeiro, capital política e cultural do país. É de João do Rio a arguta percepção de que “a crônica evoluiu para a cinematografia”; ainda, segundo ele, se antes o gênero cronístico era “reflexão e comentário”, passara a “desenho e caricatura” e ultimamente tornara-se “fotografia retocada mas com vida”, e agora, diante da pressa de escritores e leitores e dos novos meios de difusão, tornara-se cinematográfica, “um cinematógrafo de letras”. O deslumbramento do escritor diante das fitas cinematográficas levava João do Rio a imaginar “uma literatura que operasse como os modernos aparelhos de produção e reprodução de imagens técnicas” (SUSSEKIND, 1987, p. 47). No mesmo contexto os estudos de antropologia criminal e de direito penal, combinavam-se às teorias raciais e aos debates sobre o perfil e destino da nação. A atmosfera cientificista reunia tendências díspares entre si - de modelos biológicos e etnográficos a naturalismo evolucionista e positivismo francês -, além de organização de institutos e lugares de saber e espaços de poder, como quartéis, prisões, asilos, hospícios, para enquadrar os sujeitos, controlar os riscos na cidade e desenhar um perfil de brasilidade. Dá-se o acirramento do autoritarismo e da violência, inflamado por discursos da ordem, civilização, ciência e nacionalismo o que levou os intelectuais a pensarem narrativas sobre o controle e a vigilância. Diante do exposto e considerando o período entre 1890-1930 como baliza temporal, este Simpósio revisita a Belle Époque, para refletir sobre a experiência urbana e a vida cultural e literária trazendo para o debate heranças culturais que permitirão, ainda, rever a própria história da cidade do Rio de Janeiro, a associação entre escrita e práticas movidas por novos modos de percepção, transformações nas formas e representações literárias como resultado do estreitamento de contatos entre literatura, escrita jornalística e imagens (fotografia e cinema); profissionalização do escritor e sua relação com o mercado; diálogo de intelectuais e escritores com a tradição literária e cultural; debates sobre nacionalismo, ciência e brasilidade, além de investigação de fontes arquivísticas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Palavra-chave 1: Belle Époque

Palavra-chave 2: Vida literária

Palavra-chave 3: Experiência urbana

Palavra-chave 4: Arte e mercado

## **14 | CRIMES, PECADOS E MONSTRUOSIDADES**

### **COORDENADORES:**

Julio Jeha - Universidade Federal de Minas Gerais

Josalba dos Santos - Universidade Federal de Sergipe

**RESUMO:** Crimes, pecados e monstrosidade são tópicos ou categorias que podem ser usados para pensar sobre a irrupção do mal na experiência humana. Os delitos hediondos de Édipo e de Medeia, a questão do adultério em *A Letra Escarlata*, as personalidades monstruosas de Dr. Jekyll e de Dorian Gray, são alguns exemplos ficcionais que representam uma ruptura com a categoria da normalidade. Crimes, pecados e monstrosidade falam do nosso mal-estar perante a violência e a brutalidade, o desenvolvimento tecnológico e da ciência, as guerras e genocídios; são metáforas culturais e artifícios literários que carregam implicações tanto estéticas quanto políticas. O objetivo deste simpósio é debater representações literárias de transgressões do código penal, religioso ou "natural". Além de quadros taxonômicos, categorizações descritivas e classificações estruturais, pretende-se aqui estudar contextos histórico-sociais cujos valores normativos determinam o que é crime, pecado e monstrosidade. Em certos momentos históricos a transgressão confunde a categoria da normalidade, apontando para necessidades sociais específicas e o seu estudo pode levar a uma melhor compreensão de tais necessidades. Porque estudar crimes, pecados e monstrosidade? Calvino afirma que é na recusa da visão direta que parece residir a força da arte como resistência. Se considerarmos o estudo crimes, pecados e monstrosidades como transgressões que oferecem uma mudança de perspectiva, desafiando as categorias da normalidade, poderemos melhor entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio. Um dos problemas a ser focado é a reafirmação de ideologias, que acontece quando o delito é solucionado, o pecado punido, o monstro contido ou exterminado. A reafirmação final do status quo, a indicação de que o mal pode ser controlado e derrotado, não consegue apagar as cenas e imagens literárias vislumbradas ao longo da narrativa. Deve-se procurar a ideologia nas estruturas mais profundas do textos ou olhar para o leitor e para as diferentes culturas em busca dos sentidos interpretativos. Serão aceitos trabalhos sobre esses tópicos na literatura ou nas relações da literatura com cinema, cultura popular e mídia que englobem 1) conceito e linguagem de "crime", "pecado" e "monstrosidade"; 2)